

Interações e Efeitos de Sentido na Arte: uma análise semiótica da exposição coletiva Ocup(ação)¹

Cecília Ribeiro MILIORELLI²

Sthefany Duhz CAVACA³

Maria Nazareth Bis PIROLA⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, ES

RESUMO

Tem por objetivo analisar os mecanismos de interação e os efeitos de sentido da instalação de arte “Exposição Coletiva Ocup(ação)”, exibida na Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em 2017. Compõe pesquisa exploratória, numa primeira aproximação com o objeto de análise; e documental, posto que toma como corpus duas fotografias produzidas pelas autoras para melhor descrição dos elementos plásticos e das interações traçadas pelos artistas. Integra, ainda, o método da observação das obras no local da instalação e recorre ao referencial teórico e metodológico da semiótica discursiva e plástica para melhor entendimento dos efeitos de sentido construídos pelas obras.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Interação; Semiótica; Exposição Coletiva Ocup(ação).

Introdução

Inspiradas pelas discussões construídas em sala de aula na disciplina Semiótica e Comunicação, e pelo trabalho desenvolvido por Souza e Pirola (2013), este artigo tem como objetivo analisar o plano de expressão e os mecanismos de interação da instalação de arte “Exposição Coletiva Ocup(ação)”, exibida na Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em novembro de 2017. Trata-se de uma primeira aproximação exploratória com o tema e, por isso, toma como corpus de análise duas fotografias produzidas pelas autoras para melhor descrição das interações traçadas pelos artistas. Nesse rico exercício entre teoria, método e o mundo que nos rodeia, esperamos contribuir para o entendimento da fruição de uma intervenção

¹ Trabalho apresentado ao IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Belo Horizonte - MG – 7 a 9/6/2018.

² Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da Ufes, e-mail: ceciliarmiliorelli@gmail.com.

³ Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da Ufes, e-mail: duhzcavaca@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Ufes, e-mail: n.pirola@uol.com.br

artística no ambiente público e abrir um diálogo crítico e reflexivo sobre o potencial de expressividade do ambiente da obra de arte e suas interações com os sujeitos.

Os objetos de análise são as obras dos artistas João Coser e Kênnia Alves Pereira, que compõem a “Exposição Coletiva Ocup(ação)”. A escolha dessas duas obras se deu justamente pela observação que as autoras fizeram do grau de interação que elas tinham com o público, principalmente pelo fato de estarem localizadas em locais de fluxo intenso dentro da Biblioteca, e por dependerem da participação do público na geração de sentido proposta pela obra.

Os produtos artísticos e comunicacionais resultantes das interações humanas são essenciais para a compreensão do funcionamento da sociedade, uma vez que expressam inúmeras interpretações da realidade. Desta forma, o referencial teórico e metodológico da semiótica e o entendimento dos efeitos de sentido das imagens e seus valores, possibilita que compreendamos, também, como a ideia de mundo é construída na relação dos indivíduos com as coisas.

Semiótica Discursiva e Plástica – conceitos centrais

Em Teoria Semiótica do Texto, Diana de Barros (2005) expõe que a semiótica se debruça sobre a compreensão da organização textual, tanto interna quanto externa, para explicar “o que o texto diz e como diz” (BARROS, 2005, p. 12). Para tal, há uma aproximação estética do objeto analisado, já que para obter uma melhor compreensão dos diversos sentidos devemos observar todos os lados da questão envolvendo o texto analisado.

A semiótica discursiva busca compreender o plano de conteúdo do texto, seja ele imagem ou escrita, apontando os caminhos construídos para dizer o que diz. Parte da premissa de que uma mensagem é formulada a partir de um percurso gerativo de sentido, que constrói sentidos constantemente na relação texto-enunciatário. Assim, o enunciatário não é o receptor “real” da mensagem, mas sim o indivíduo construído discursivamente no texto (FIORIN, 2011).

O plano de conteúdo do percurso gerativo é dividido em três níveis: o nível fundamental, o narrativo e o discursivo (BARROS, 2005). No nível fundamental, a atenção direciona-se para as categorias semânticas construídas no texto que estão em constante embate, ou seja, os significados construídos através da sintaxe que se contrapõem e formam o texto como um todo, como a ideia de vida *versus* morte, felicidade *versus* tristeza, e assim por diante (FIORIN, 2011).

O nível narrativo é aquele no qual os componentes semânticos sofrem uma mudança, de um enunciado de estado (geralmente em disjunção), para o enunciado de fazer (junção), ou seja, preocupa-se com os valores agregados aos objetos modais (utilizados para atingir o objeto valor) e de valor (objetivo final) do texto. Aqui se observa as quatro fases narrativas presentes nos textos, que se encadeiam a partir de uma lógica, não necessariamente cronológica: 1) a manipulação, quando o sujeito discursivo é levado a fazer algo, não dependendo necessariamente de sua vontade; 2) a competência, que diz respeito aos atributos necessários que o sujeito deve ter para a realização da transformação principal da narrativa; 3) a performance, fase em que se dá a transformação principal da narrativa; 4) a sanção, reconhecimento da performance do sujeito discursivo, os prêmios e castigos distribuídos (FIORIN, 2011).

Finalmente no nível discursivo, as formas abstratas do nível narrativo são levadas à concretude, ou seja, certos termos surgem para materializar o objeto valor. Por exemplo, quando o sujeito entra em conjunção com a riqueza, aqui ele pode receber uma fortuna como herdeiro de alguém (FIORIN, 2011), “o nível discursivo produz as variações de conteúdos narrativos invariantes” (FIORIN, 2011, p. 41).

Na evolução da teoria, temos os postulados da Semiótica Plástica. Esta nos dá um entendimento de como a análise do plano de expressão de um texto deve ser feita. A semiótica possui a tarefa de tornar os processos de estruturação perceptíveis a partir da compreensão das partes, já que este processo faz parte da compreensão final que o indivíduo terá da obra, (OLIVEIRA, acesso em 01 mar. 2018). Desta forma, o

espectador fará uma análise além da própria obra manifesta esteticamente, trata-se de um resgate da memória afetiva do indivíduo e da própria história de sua socialização.

A análise plástica se dá através da observação do plano de expressão dos textos ou imagens. Sempre em sintonia com o plano de conteúdo, pois ambos possuem uma relação entre si, “a ação conjunta desses planos atinge a significação” (OLIVEIRA, acesso em 01 mar. 2018, p.8).

No detalhamento do plano de expressão encontramos os formantes plásticos expressos esteticamente na obra, e que são divididos em: dimensão eidética, dimensão topológica, dimensão cromática e dimensão matéria. A dimensão eidética diz respeito às formas, que possuem qualidades como reto e curvo; vertical e horizontal (OLIVEIRA, acesso em 01 mar. 2018). A dimensão topológica compõe a distribuição dos elementos num dado espaço, tais como alto e baixo, central ou periférico. A dimensão cromática se refere às cores, aos contrastes como claro/escuro, saturação, luminosidade. Por último, a dimensão matéria diz respeito aos materiais utilizados na composição da obra, como por exemplo, tipo de tinta, o material do quadro utilizado, entre outros (OLIVEIRA, acesso em 01 mar. 2018).

Um passeio pela exposição coletiva Ocup(ação): interações e efeitos de sentido construídos nas obras de arte

Conforme ressaltado no referencial teórico, a teoria semiótica nos dá os instrumentos analíticos tanto do plano de conteúdo quanto do plano de expressão dos textos. Entretanto, neste artigo, aprofundaremos a face do plano de expressão das obras.

A seguir, apresentamos as análises da Obra de Arte 1, do artista João Coser (Figura 1) e, na sequência, a Obra de Arte 2, da artista Kênnia Alves Pereira (Figura 2).

Figura 1 – Fotografia da instalação do artista João Coser



Fonte: Produção própria

Podemos observar na Figura 1 que, ao longo do chão da biblioteca, é indicado um caminho com as diversas linhas formadas pelo barbante de cor azul. Essas linhas se interligam e chegam até o canto da sala, onde as obras estavam expostas. Vemos que a participação do público, como pode ser observada na imagem, torna-o parte integrante da instalação, logo, da composição desse texto. Isso nos mostra que a configuração espacial sugere um alto grau de interação entre obra e público, uma vez que o sujeito fruidor é parte integrante da obra de arte.

Por outro lado, o caminho traçado pela linha não leva, de fato, a lugar algum, o que pode sinalizar que o caminho é uma rotina, muitas vezes de difícil percepção, e monótono. Ou seja, a linha indica o caminho, que por várias vezes é repetido e não tem fim, o que pode levar à contemplação pela própria ocupação. No entanto, esta obra de arte se encontra em um local de maior visibilidade em todo o espaço da exposição, levando também o público a interagir com as outras obras, de forma a voltar sua atenção para elas.

Aprofundando os formantes do plano de expressão, temos na dimensão cromática da Obra de Arte 1, a cor primária azul que prevalece em sua composição. Contrastando com o próprio piso e o fundo branco da biblioteca, em união com a dimensão eidética do emaranhado de formas, podemos dizer que a obra nos suscita imagens como ondas do mar e, também, a um espaço celestial.

O fundo da obra é composto, majoritariamente, por tons neutros, de forma a evidenciar as outras cores presentes, como o cinza, o marrom e o branco, em contraste com o azul vívido e brilhante da linha que forma a obra. As janelas que cercam a obra são grandes e sua localização faz com que uma significativa quantidade de luz emane sobre o amontoado de linhas, dando a ideia de que a luz também ocupa um espaço na obra.

A forma como o tom azul é utilizado na peça também é um destaque, uma vez que, conforme nos aproximamos das linhas podemos observar certa evolução na obra, distinguindo melhor a imagem criada pelo amontoado, na medida em que passa de um bloco azul no fundo, para um emaranhado de linha azul, com as figuras geométricas que forma, totalmente perceptíveis.

Já na dimensão eidética, é possível observar que o formato da obra se assemelha a um mapa geográfico, na medida em que observamos a evolução da figura formada, da mesma forma que as linhas emaranhadas, de certa forma remetem ao mar, incluindo também a dimensão cromática azul e a extensão da obra e sua disposição. O emaranhado de linhas vai se tornando cada vez mais evidente a partir de uma aproximação com a obra, reforçando a ideia de similaridade com o mar. O fundo da peça é composto por figuras geométricas quadradas e retangulares, contrastando com o formato fluido da obra exposta.

Na dimensão topológica, o emaranhado da obra se encontra no quadrante central da imagem e é o foco principal da obra. Assim, existe uma sensação de aproximação com a obra criada a partir da disposição desse elemento, ou seja, ao fundo mais linhas amontoadas e, conforme mais próxima a imagem fica do quadrante inferior, mais fácil é distinguir os fios.

Ao fundo da imagem, no canto esquerdo, é possível visualizar uma garota, que de forma natural folheia um livro, mais uma vez trazendo a atenção do público para a obra central da exposição. A disposição das linhas facilita a imersão do público transeunte, que pode não perceber a obra ou, em contrapartida, perceber e dar a volta para não pisar em cima das linhas, o que foi perceptível pelas autoras na visita à exposição.

Por outro lado, a disposição da obra também transmite a sensação de que o chão está sendo tomado por algo em crescimento, ou seja, os fios parecem estar brotando de algum lugar e que eventualmente ocuparão todo o espaço da sala, reforçando a ideia do próprio nome dado à exposição, Ocup(ação).

Segundo a semiótica plástica, a dimensão matérica depende do tipo de objeto analisado. Dessa maneira, a escolha do artista em utilizar linhas, destaca a dimensão matérica da obra. Assim, a utilização do barbante para a composição da obra principal na imagem, destaca uma preocupação com a leveza da obra bem como a sensação que o público teria ao entrar em contato com esse material, por se tratar de um local com fluxo intenso de transeuntes.

Por outro lado, a utilização da linha apresenta uma ideia de redes e interconexão. E também a ideia de fácil manipulação desse material, ou seja, sentidos que apontam para flexibilidade das reconfigurações das formas e ocupação do espaço.

Figura 2- Fotografia da instalação da artista Kênnia Alves Pereira



Fonte: Produção própria

Na Obra de Arte 2 (Figura 2), da artista Kênnia Alves Pereira, o transeunte está em uma posição na qual é praticamente impossível não se surpreender com a obra exposta. Neste sentido, o público é colocado em conjunção com a obra e com o estranhamento causado na sua contemplação. Esta, por sua vez, só se torna perceptível da forma potente que é devido às suas características estéticas marcantes.

A obra brinca com as diferentes ideias que cada indivíduo pode ter em relação a cada parte do desenho por inteiro ao separá-los em cada quadrinho, o que traça uma trajetória de construção de sentido coletiva, mais uma vez, levando o observador a participar ativamente da obra, até mesmo involuntariamente.

O perfil do observador também é fator crucial no resultado final, no que concerne a um objeto a ser contemplado, uma vez que pessoas com a estatura mais baixa só conseguem observar até determinado ponto o todo da obra. Assim, a leitura que este indivíduo terá é baseada no quanto este consegue ter contato, ou seja, em suas possibilidades de interação.

O fato dos quadinhos estarem separados transmite a ideia de que na verdade aquela obra pode não ser apenas uma, mas várias. Assim, é possível ignorar o conjunto e analisar apenas as partes, o que torna o ato de compreender complexo e dúbio, remetendo-nos, assim, a um dos principais objetivos da Arte, fazer refletir.

Os vários quadinhos pendurados ao longo da primeira escadaria da biblioteca da Ufes, contêm, cada um deles, um desenho diferente que, juntos, formam um só. É possível observar que a obra por completo só poderia ser vista a partir de um determinado ângulo em que o público se encontrava, no topo das escadas ou no primeiro degrau.

Esta predileção na contemplação/interação de uma obra de arte, pode demonstrar, também, a necessidade que o observador tem de chegar até o fim da obra para compreendê-la por completo. Caso contrário, só verá partes de algo muito mais complexo, dando também uma ideia de trajetória de construção de sentido para o público espectador.

Caminhando para o aprofundamento de cada elemento expressivo, podemos dizer que a paleta de cores (dimensão cromática) da segunda obra é neutra. No fundo prevalece a cor cinza em tons mais escuros bem como a obra se encontra em um local com menos incidência de luz solar, dando uma sensação soturna à exposição. Os quadros que compõem a obra são feitos por um material transparente, porém a tinta utilizada para a pintura é preta.

É possível observar ainda que a predominância da cor preta nos desenhos da obra é proposital na medida em que a saturação vai aumentando conforme os desenhos ficam mais complexos e preenchidos, evidenciando o contraste entre claro e o escuro.

Resquícios da obra anterior (Obra 1) são encontrados na imagem no canto inferior direito. De forma bem sutil é possível observar um barbante azul nas escadas, colocando em evidência a cor, em contraste com a paleta neutra, e como forma de dar uma ideia de trajetória, ligação e fluidez entre toda a exposição.

Na dimensão eidética, podemos observar que a imagem é composta na sua maioria por formatos geométricos quadrados e retangulares transmitindo certa dureza e estabilidade em torno da obra, tornando-a engessada, em oposição à Obra 1, que é mais fluida. Da mesma forma, o fato da obra se encontrar pendurada exatamente no meio da escadaria reforça a ideia de dureza, oposta à da primeira obra.

A peça exposta é em formato retangular com o fundo recortado de acordo com o desenho de cada quadrinho exposto, que são semelhantes a um círculo, dando uma ideia de retrato, o que é reforçado no primeiro quadro onde a arte pintada lembra uma moldura. No entanto, a peça também lembra máscaras, uma vez que o recorte nas telas se assemelha ao formato de um rosto humano, ou até mesmo de uma caveira.

Quanto à dimensão topológica, as obras encontram-se penduradas na parte inferior das escadas do primeiro andar. Podem-se visualizar estas máscaras no centro superior, ao subir do térreo para o primeiro andar das escadas da biblioteca central. Assim, a obra está exposta no teto da escadaria da biblioteca (quadrante superior), passando uma sensação de naturalidade com o ambiente, bem como a linha da obra anterior (Obra 1), está passando no canto inferior direito, quase de forma imperceptível.

A imagem, de forma geral, está centralizada em um local no qual objetos como aqueles não são comuns, reforçando a ideia de estranhamento com o novo e até mesmo a intervenção da obra no cotidiano das pessoas. A localização da peça quase força as pessoas a observarem o que está sendo exposto, de forma que a contemplação das imagens que são soturnas, torna o ambiente da exposição mais denso.

Na dimensão matéria, a peça foi confeccionada com um material similar a um plástico resistente, diferente do barbante da Obra 1, que sugere algo mais leve e perecível. Da mesma forma, a condição física da escada, inclusa nesta obra como participante ativa,

influencia diretamente na percepção do observador, permitindo a ele uma visão diferente a cada degrau que este avança, dando uma ideia de fase na construção da sua percepção.

O suporte dos quadros que se encontram pendurados no teto também é feito de barbante, cumprindo, por sua vez, o papel de sustentação da obra. Interessante notar como um material frágil que é o barbante, pode sustentar materialidades mais densas, causando-nos, mais uma vez, estranhamento e reflexão. O barbante azul, visível ainda na imagem dessa obra, possui os mesmos objetivos relacionados à ideia de continuidade e trajetória que existem na obra anterior.

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo exercitar os conceitos da semiótica, principalmente a plástica, a partir de um corpus formado por duas obras de arte que compunham a “Exposição Coletiva Ocup(ação)”, exibidas na Biblioteca Central da Ufes. Analisar os formantes plásticos e os mecanismos de interação entre as obras e os espectadores foi o fio condutor das análises. No aprofundamento da semiótica plástica, foram observados os formantes expressivos de cada peça, de forma a perceber a relação estabelecida entre a obra e o público. Percebemos que o observador exerce papel fundamental na construção de sentido das obras.

Quando analisamos a relação do título da exposição “Ocup(ação)” com as imagens das instalações das duas obras de arte analisadas, notamos que o local escolhido para a exposição demonstra uma intencionalidade dos artistas para a ideia a ser transmitida esteticamente. Isto é, de que a exposição é de fato uma ocupação, sensação que é reforçada pela disposição das obras pela biblioteca.

De uma forma geral, se a Obra 1 possui um plano de expressão que lhe confere fluidez e capacidade de reconfiguração, bem como esteticamente lembra mar e céu, por outro lado, a Obra de arte 2 é engessada nas suas formas e na sua topologia, e possui imagens soturnas.

No entanto, é possível observar que existe um elemento comum às duas obras no formante matérico, o barbante. Nesse sentido, podemos dizer que, apesar de desempenharem funções distintas e suas cores serem diferentes, na primeira obra conferindo fluidez, e na segunda como suporte para os quadros, a presença deste material é um conector, reforçando a ideia de que as peças estão em diálogo. Desta mesma forma, o barbante assume a forma de um espectador em sua disposição, pois “passeia” entre a exposição, trazendo a ideia de que nem tudo é só sótno ou só fluido.

As expressões nos mostram embates entre duas estéticas. Ambiente claro, calmo, figuras que evocam o céu e o mar, são trabalhados na Obra 1. Engessamento e ambiente sótno estão presentes na Obra 2. Entre o claro e o escuro, entre a fluidez e o engessamento, entre o conhecido e a estranheza, as duas obras de arte convidam os espectadores a não só ocupar seus lugares nesse espaço, mas também agir e interagir com ele. E de certa forma, com as múltiplas possibilidades que esse grande texto que é a Arte suscita em nós.

Referências bibliográficas

BARROS, Diana Luz Pessoa De. **Teoria Semiótica do Texto**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. **As semioses pictóricas**. Disponível em: Centro de Pesquisas Sociosemióticas < <http://www.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/as-semioses-pictoricas-ana-claudia.pdf>>. Acesso em 01 mar. 2018.

SOUZA, F. M. S.; PIROLA, M. N. B. **Recortes de um olhar e de um tempo: entre paisagens, cidades, publicidade e consumo**. Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2013.